

## **SUMÁRIO EXECUTIVO**

- Em relação ao primeiro semestre de 2010, a produtividade da indústria em 2011 mostrou estabilidade, com crescimento de 0,1%.
- Considerando-se a variação da produtividade do 2º trimestre de 2011 em relação ao 1º trimestre, apenas a indústria extrativa melhorou seu resultado (+0,3%). A indústria de transformação apresentou queda de -0,5%.
- Essa queda da produtividade da indústria de transformação do 2º trimestre se deve à redução da produção física de -0,9%, superior à queda da quantidade de horas pagas (-0,5%), resultando numa queda da produtividade de -0,5% em relação ao primeiro trimestre deste ano.
- Setorialmente, as maiores quedas da produtividade em relação ao 1º trimestre de 2011 ocorreram nos setores têxtil (-13,2%), Metalurgia básica (-5,1%), calçados e couro (-4,1%) e alimentos e bebidas (-4,0%).
- De maneira geral, a produtividade cresceu abaixo da elevação dos custos com mão-de-obra das empresas: apenas 4 dos 17 setores avaliados apresentaram elevação da produtividade acima do aumento da folha de pagamento real por trabalhador.
- Considerando a valorização da taxa de câmbio nos primeiros seis meses de 2011 em relação ao mesmo período de 2010, esse desempenho piora com apenas 2 setores com crescimento da produtividade maior que o aumento do custo da mão-de-obra.
- A queda da produção física acima das horas pagas coloca em risco os ganhos salariais e os empregos dos trabalhadores, tornando ainda mais urgentes medidas que promovam a isonomia competitiva da indústria nacional em relação à estrangeira.
- Medidas como a desoneração da folha para todos os setores industriais, fim dos incentivos às importações, redução do custo da energia e queda das taxas de juros trarão novo fôlego ao setor, ampliando os empregos e a renda não só da indústria, mas de toda a economia brasileira.

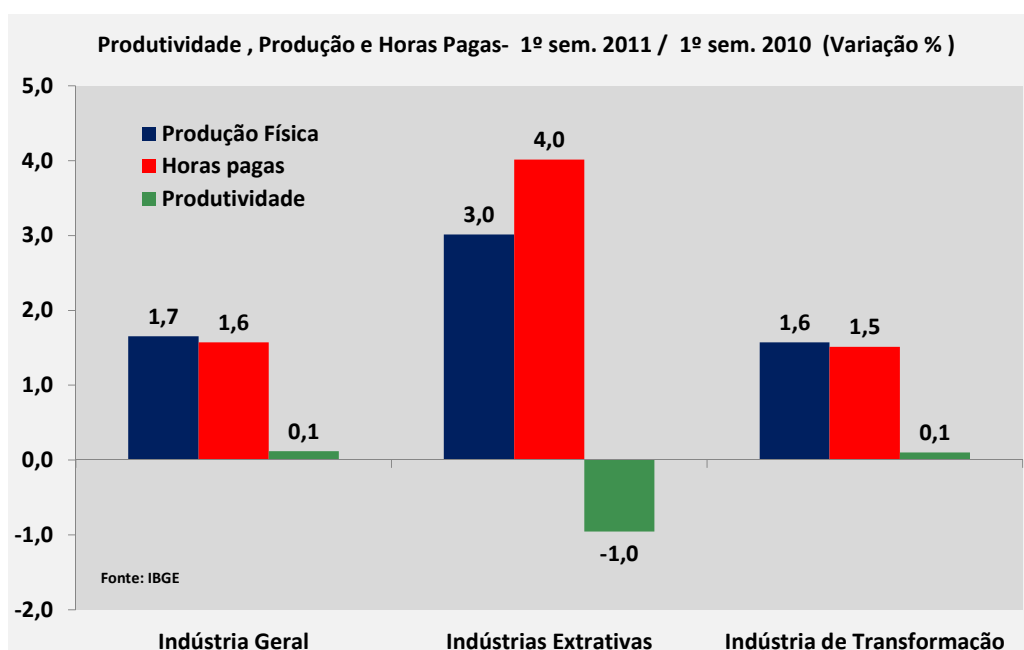
## O DESEMPENHO DA PRODUTIVIDADE E O AUMENTO DOS CUSTOS COM MÃO-DE-OBRA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Este estudo tem como objetivo mostrar qual o desempenho da produtividade da indústria no primeiro semestre de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior e compará-lo com a evolução dos custos com mão-de-obra.

O crescimento contínuo da produtividade é um fator importante para que a indústria torne-se mais competitiva tanto no mercado externo quanto no doméstico. No entanto, os resultados da produtividade não tem se mostrado suficientes para amenizar as dificuldades que o setor industrial está enfrentando nos últimos anos.

A produtividade do trabalho calculada pelo Depecon – Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos – utilizando as séries de produção física (PIM-PF) e horas pagas (PIMES) disponibilizadas pelo IBGE não apresentou resultado satisfatório no encerramento do 1º semestre de 2011. No acumulado da primeira metade desse ano em comparação com o mesmo período de 2010, a produtividade do trabalho da indústria geral permaneceu praticamente estável, com variação de 0,1%. Esse é o mesmo resultado verificado pela indústria de transformação no período (Gráfico 1).

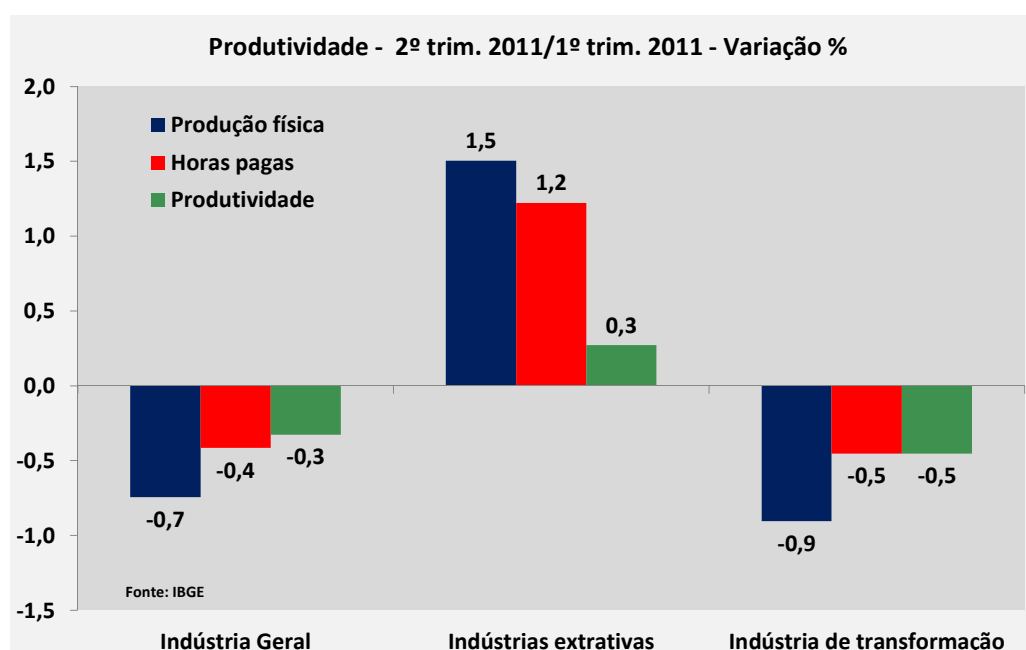
**Gráfico 1**



As indústrias extrativas, por sua vez, apresentaram variação negativa de 1,0% na comparação do mesmo período. A estabilidade deve-se a um aumento da produção física no mesmo montante do crescimento das horas pagas para a indústria geral e de transformação. O crescimento da produção das indústrias extrativas foi maior no período (3,0%), porém o número de horas pagas aumentou mais rápido (4,0%).

Considerando a variação da produtividade no 2º trimestre de 2011 em relação ao 1º trimestre do ano, na série livre de influência sazonal, apenas as indústrias extrativas apresentaram melhora no desempenho, com crescimentos da produtividade, da produção e das horas pagas. Já para a indústria geral e de transformação, essas variáveis apresentaram variação negativa, com queda mais acentuada da produção física em relação às horas pagas.

**Gráfico 2**

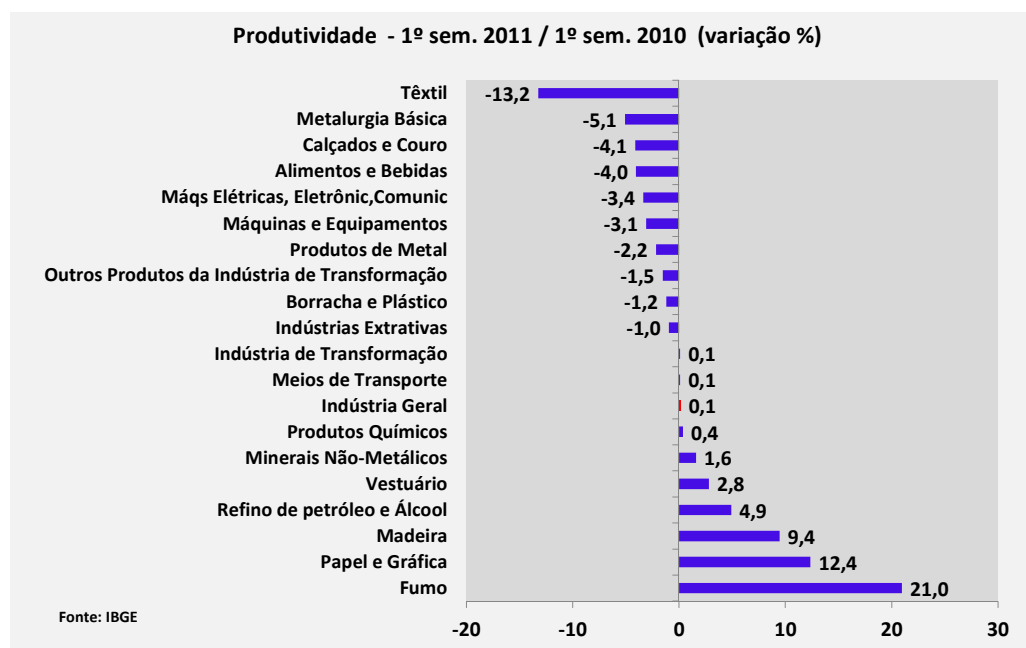


A produtividade do trabalho depende mais fortemente da produção industrial, já que as horas pagas são mais estáveis. Por isso, o fraco desempenho da produtividade tem relação mais forte com o cenário de baixo dinamismo que a produção industrial vem exibindo.

### Análise da produtividade dos setores industriais

Dos 17 setores industriais, nove apresentaram variação negativa da produtividade do trabalho no fechamento do primeiro semestre de 2011. Os setores que apresentaram a maior redução da produtividade foram o têxtil (-13,2%), o de metalurgia básica (-5,1%), o de calçados e couros (-4,1%) e o de alimentos e bebidas (-4,0%). Em particular, os setores têxtil e de calçados e couros vem sofrendo bastante com a perda de competitividade e com a concorrência dos produtos importados em virtude da taxa de câmbio sobrevalorizada.

**Gráfico 3**



Dos oito setores com taxa de crescimento de produtividade, os que mais se destacaram foram os setores de fumo (21,0%), papel e gráfica (12,4%), madeira (9,4%) e refino de petróleo e álcool (4,9%).

### O aumento dos custos de mão-de-obra

A produção industrial encontra-se em estagnação há pelo menos 14 meses e o Depecon avalia que esse fraco desempenho irá se manter nos próximos meses, em virtude de diversos fatores que pressionam o setor. À elevada concorrência externa favorecida pela taxa de câmbio apreciada e ao alto custo do financiamento para investimento e inovação soma-se o aumento dos custos com mão-de-obra (aumento de

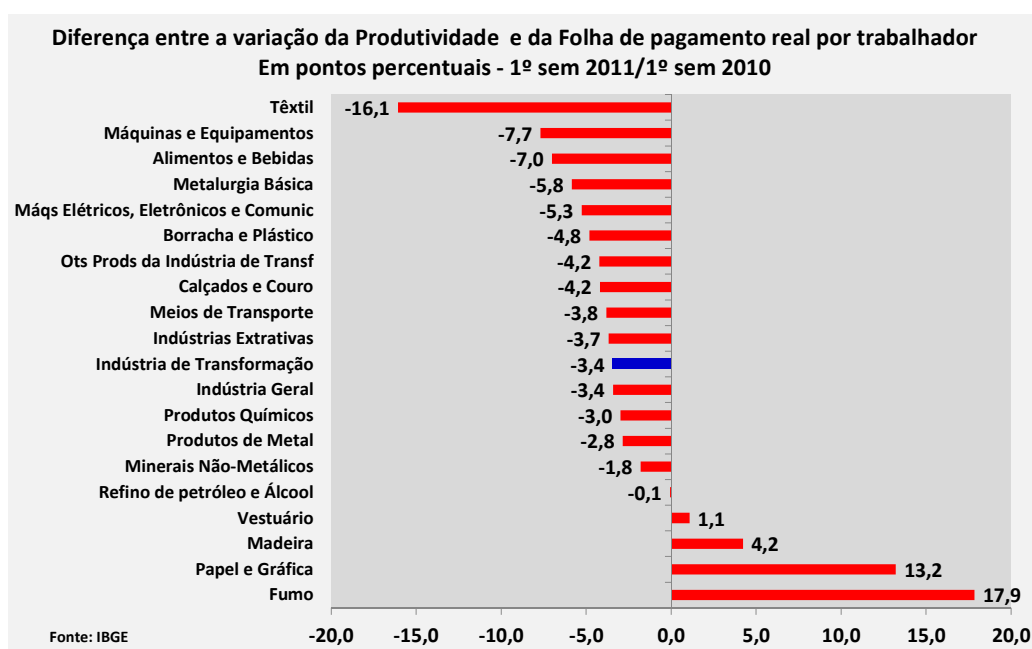
valor real da folha de pagamento por trabalhador) superior ao crescimento da produtividade.

O aumento dos rendimentos do trabalhador é um fenômeno natural (e desejável) à medida que um país se desenvolve e está associado à elevação do padrão de vida da sociedade. Mas esse crescimento tem de acompanhar os ganhos de produtividade da economia, para que não ocorra pressão nos custos da estrutura produtiva, e consequentemente esses ganhos não sejam perdidos.

O Gráfico 4 apresenta os diferenciais (em pontos percentuais) entre as variações da produtividade e da folha de pagamento real por trabalhador para a indústria geral, de transformação e extrativa, e para 17 setores da indústria de transformação.

O resultado agregado mostra a pressão sobre os custos com mão-de-obra e portanto, para a competitividade da indústria. Comparando a variação no primeiro semestre de 2011 com o mesmo período do ano passado, a variação da produtividade do trabalho foi 3,4 p.p. menor do que a variação da folha de pagamento real no mesmo período para a indústria geral e de transformação. Esse resultado é muito próximo do observado para as indústrias extrativas (-3,7 p.p.).

**Gráfico 4**

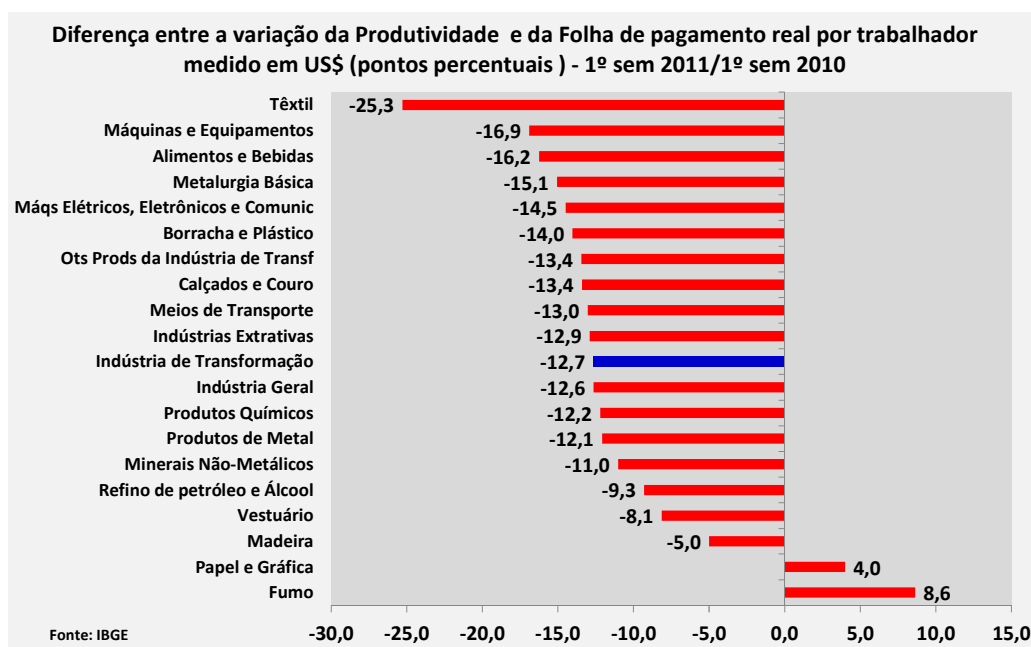


Apenas quatro dos 17 setores apresentaram crescimento da produtividade acima do aumento da folha de pagamento real por trabalhador. São eles, o setor de produção de fumo cuja produtividade aumentou 17,9 p.p. em relação ao seu custo com mão-de-obra; o setor de papel e gráfica também apresentou resultado expressivo (13,2 p.p.), enquanto o setor de madeira e vestuários apresentaram ganhos mais modestos, 4,2 p.p. e 1,1 p.p., respectivamente.

Dentre os 13 setores com diferencial negativo entre produtividade e custo de mão-de-obra, aparecem setores com maior intensidade tecnológica, como máquinas e equipamentos (-7,7 p.p.) e máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicação (-5,3 p.p.); setores que sofrem mais duramente com a concorrência externa, como o têxtil (-16,1 p.p.) e de calçados e couros (-4,2 p.p.); e setores ligados a recursos naturais como o de alimentos e bebidas (-7,0 p.p.), metalurgia básica (-5,8 p.p.) e minerais não metálicos (-1,8 p.p.).

Entre o 1º semestre de 2010 e o mesmo período de 2011, a taxa de câmbio média valorizou 9,22%, aumentando ainda mais o custo da mão-de-obra quando medido em dólares. Ou seja, o diferencial entre a variação da produtividade e a variação do custo da mão-de-obra é ampliado pela trajetória de apreciação do dólar no período. O Gráfico 5 apresenta esses diferenciais e mostra que apenas dois setores obtiveram variação da produtividade de modo a compensar a variação do custo com mão-de-obra medido em reais.

**Gráfico 5**



Considerando a variação da taxa de câmbio, o crescimento da produtividade dos setores de Madeira e Vestuário não foi suficiente para compensar a elevação dos custos de mão-de-obra medidos em dólares. Nesses casos, a variação da produtividade mantinha-se superior ao aumento do custo da folha de pagamento real por trabalhador, mas a valorização do dólar reverte essa situação quando se considera a variação do custo de mão-de-obra em dólares. Apenas os setores de fumo e papel e gráfica obtiveram ganhos de produtividade capazes de compensar o aumento do custo de mão-de-obra medido em dólares.

A defasagem do crescimento da produtividade em relação ao custo com folha de pagamento real da indústria de transformação aumenta para -12,7 p.p., próximo aos resultados da indústria geral e extrativa, respectivamente -12,6 p.p. e -12,9 p.p.

## Conclusão

A produção da Indústria de Transformação brasileira encontra-se estagnada há 14 meses consecutivos, resultado de uma conjunção de fatores que retiram sua competitividade.

O alto patamar da taxa de juros inviabiliza investimentos da indústria e o diferencial em relação às taxas do mercado externo atrai capital para o Brasil e sustenta a trajetória de valorização da taxa de câmbio.

Os resultados dessa situação se tornam visíveis na perda de participação dos produtos manufaturados na pauta exportadora – representavam 55,0% em 2005 e encerraram 2010 com apenas 39,4% do total; no déficit comercial recorde que esses produtos registrarão esse ano – US\$ 100 bilhões e no aumento do coeficiente de importação que, no segundo trimestre de 2011, atingiu o maior patamar (22,9%) desde o início da série iniciada em 1997 (DEREX/FIESP).

Os dados mostrados nesse trabalho comprovam que o ambiente é altamente desfavorável à produção nacional e podem colocar em risco os ganhos salariais conquistados pelos trabalhadores, uma vez que não é possível se sustentar no longo prazo quedas na produtividade com manutenção de horas pagas. Além disso, devido ao elevado efeito multiplicador do setor industrial na economia, essa queda se propaga também para outros setores, como comércio e serviços.

A manutenção dos empregos industriais dependerá de políticas agressivas que permitam a retomada da trajetória de crescimento da indústria nacional como, por exemplo:

- Ampliação da desoneração da folha de pagamento para todos os setores industriais
- Fim dos incentivos fiscais à importação através da redução da cobrança do ICMS interestadual (Guerra dos Portos)
- Redução do custo da energia elétrica através da realização de novos leilões para renovação das concessões de energia elétrica.
- Políticas para promoção do investimento e inovação

A isonomia competitiva da indústria nacional com relação à estrangeira permitirá que o setor industrial retome sua trajetória de crescimento, mantendo assim os ganhos reais dos trabalhadores e até mesmo ampliando suas contratações. Devidos aos elevados efeitos multiplicadores que a Indústria possui, esses ganhos se distribuem para toda a sociedade.